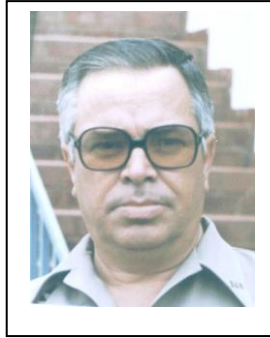


RAÍZES FAMÍLIA NO EXÉRCITO DO PRESIDENTE FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

FHE **POUPEX**



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e correspondente da Acadsemasde História de Portugal, Espanha, Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Vale— paraibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. Integrou a Comissão de História do Exército 1971-1974 e cursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a propósito dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em 1981-1982.

Artigo do autor na Revista do IHGB, digitalizado para ser colocad na Internet em Livros e Plaquetas no site da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB doado em Boletim a AMAN em 2014 e integrado ao Pergamum de bibliotecas do Exército

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTÓRICO
E
GEOGRÁFICO BRASILEIRO

*Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos.
Et possint serâ posteritate frui.*

BENTO, Cláudio Moreira. Raízes
Familiars no Exército do
Presidente Fernando Henrique
Cardoso. **RIHGB**, a. 162, n.
410 p. 101/121.



R IHGB, Rio de Janeiro, a. 162, n. 410, pp. 11-307, jan./mar. 2001.

RAÍZES FAMILIARES NO EXÉRCITO DO PRESIDENTE FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

*Cláudio Moreira Bento**

Resumo: O presente artigo traz a genealogia do atual presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, iniciando com dados sobre seu trisavô, Manoel Cardoso de Campos, capitão da Guarda Nacional, falecido em 1868 em Goiás. Detalha a carreira militar de seu avô e de seu pai, bem como de outros membros da família.

Abstract: Presente article brings presidente Fernando Henrique Cardoso's military genealogy, beginning with his great grandfather and detailing his grandfather and father's military careers, as well as other family members ones.

A mais profunda raiz no Exército conhecida é a de seu bisavô, capitão Felicíssimo do Espírito Santo. Este casou com d. Emerenciana Azevedo Espírito Santo, de cujo consórcio nasceram, em Goiás Velho (GO), as duas vertentes militares no Exército dos Cardoso. Ou seja, os irmãos Joaquim Ignacio e Augusto Ignacio que atingiram o generalato no Exército. O primeiro é o avô do presidente Fernando Henrique Cardoso, cuja imagem de soldado ele aprendeu a respeitar e admirar, ao residir com sua avó algum tempo, a qual, possuía pelo marido um respeito profissional reverencial, que transmitia aos familiares, e cuja vida militar tentaremos resgatar sinteticamente neste ensaio.

O capitão Felicíssimo, que viveu de 1835 a 1905, foi um dos líderes do Partido Conservador em Goiás, tendo sido deputado e senador, e presidente de Goiás por duas vezes e terminou titulado como brigadeiro honorário do Exército Imperial.

O trisavô do presidente foi o capitão Manoel Cardoso de Campos, provavelmente da Guarda Nacional, que faleceu em 1868, em Goiás, em plena Guerra do Paraguai. Síntese dos ilustres irmãos.

Gen. de brigada na ativa **JOAQUIM IGNACIO BAPTISTA CARDOSO**, o avô do presidente. Nascido em 24 jun. 1860, antes da Guerra do Paraguai. Ingressou no Exército como soldado voluntário, em 15 jul. 1875, aos 15 anos, no 20° BC de Goiás, e cadete de 2ª classe, 13 dias depois. Encerraria a sua carreira militar profícua em 5 mai. 1923, acusado de participação em conspiração na Revolução de 1922, em Mato Grosso, como comandante da 1ª Circunscrição, sendo preso por mais de 100 dias, de 19 ago. a 2 dez. 1922, abordo do **Scout Ceará**, na baía da Guanabara. Abalado moralmente, acreditamos, pela ingratidão e desconsideração por seus relevantes serviços, inclusive na propaganda, proclamação e consolidação da República, faleceu em jun. 1924.

Gen. de brigada na ativa **AUGUSTO IGNACIO DO ESPÍRITO SANTO CARDOSO**, é o pai do gen. Ciro do Espírito Santo Cardoso e do cel. Dulcídio. Nascido em Goiás, 7 anos mais moço do que Joaquim Ignacio, em 31 mai. 1867, durante a Guerra do Paraguai. Ingressou no Exército, como praça, no Curso de Cavalaria da Escola Militar da Corte (1855-85) na Praia Vermelha, em 1884. Dela saiu Alferes em 1890, tendo antes marchado com a mesma, a pé, até o Botafogo e, daí, em bondes tirados a mueres, até o Campo de Santana, junto com outros companheiros e ao comando do major Marciano de Magalhães, irmão caçula de Benjamim Constant. E, assim, participou da deposição do Gabinete Ouro Preto e, a seguir, da Proclamação da República. Foi reformado como

general de brigada em 1º jul. 1938, com cerca de 44 anos de serviços, pois esteve fora 9 anos, de 1923 a 32, em função de sua atuação pró Revolução de 22.

PARALELISMO DAS DUAS VIDAS DOS IRMÃOS

O mal. Joaquim Ignacio e seu filho gen. Leônidas Cardoso

A carreira do mal. Joaquim Ignacio pode assim ser descrita: soldado voluntário em 15 jul. 1875, aos 15 anos. Furriel 8 fev. 1876. 1º sgt, 6 nov. 1880. Sgt. quartel mestre (intendente) 8 nov. 1880 e aprovado em Cavalaria e Infantaria. Diversas tentativas de cursar a Escola Militar, tendo trancado a matrícula. Alferes de cavalaria 20 out. 1883. Tenente por serviços relevantes na Proclamação da República. Capitão 24 fev. 1894 e, por merecimento, major em 4 out. 1905 (9 anos). Tenente coronel em 5 ago. 1908 e coronel em 12 jan. 1912. Gen. bda. em 12 jun. 1914 em cujo posto foi reformado, em 5 mar. 1922, por acusado de participar da conspiração da Revolução de 1922 em Mato Grosso, contando 47 anos de bons serviços e com freqüência relevantes, constantes de suas alterações e em especial os ao serviço da propaganda, proclamação e consolidação da República.

Em Goiás e Rio de Janeiro

Sentou praça em Goiás, no **20º BC**, em 15 jul. 1875 e ali foi aprovado em infantaria e cavalaria. Destacou-se como burocrata: furriel, quartel mestre (intendente), tendo ali servido na infantaria e cavalaria de 1876 a 1908. O **20º BC** foi extinto em 1908 com a criação das brigadas estratégicas, sendo as suas 1ª, 2ª e 3ª companhias destinadas a formar no Rio de Janeiro o III Batalhão do 1º Regimento de Infantaria e atual Batalhão Sampaio.

Como 1º sargento, em 1881, matriculou-se na Escola Militar da Corte onde se destacou "**pela sua aplicação e distinção**", revelando dificuldades em matemática e desenho. Foi promovido a alferes de cavalaria em 20 out. 1884, sendo felicitado em boletim "**por sua promoção bem merecida**". Em 3 abr. 1884 foi desligado sem concluir o curso e foi servir no 1º RC (**atual Dragões da Independência de Brasília**) unidade que secretariou.

Aí recém chegado de Curitiba, de onde veio muito doente, teve destacada participação, de 12 out. a 15 nov., na propaganda, conspiração e proclamação da República, conforme escreveria 50 anos mais tarde seu filho major Leônidas Cardoso, em início de artigo que será explorado mais adiante ao biografá-lo e no qual aborda, em detalhes, a conspiração militar que culminou com a Proclamação da República, com base testemunhal de conspiradores que contactou e, apoio no capítulo "Conspiradores da Revolução de 15 de Novembro de 1889" da obra:

SILVEIRA, Urias. **Galeria Histórica da Revolução Brasileira de 15 de Novembro de 1889**. Rio de Janeiro: Tip. Laemmert. 1890.

"As homenagens de hoje em memória daqueles que, então, moços empolgados por um ardente ideal, no afã patriótico do interesse que manifestavam pela causa pública, sentiram-se arrastados a precipitar a marcha evolutiva da transformação política, com o afastamento de seu cenário do vulto respeitável do Imperador d. Pedro II. E para que reflitam a interpretação da verdade histórica, já podem marcar, dentre outras, as figuras do Cap Antônio Adolpho da Fontoura Mena Barreto, Ten Sebastião Bandeira e Alferes Joaquim Ignacio Baptista Cardoso. "

E ao final de seu artigo o major Leônidas ainda destaca o seu pai:

"Vê-se, portanto, acompanhando-se os fatos cronologicamente aqui descritos, que o cap Mena Barreto e o alferes Joaquim Ignacio, pouco antes de outubro de 1889, não estavam na Corte. Mena Barreto viera do

Rio Grande do Sul e Joaquim Ignacio do Paraná, de onde se ausentara, ainda convalescente de grave enfermidade.

Aqui chegados, Mena Barreto e Joaquim Ignacio, reunidos com o ten. Sebastião Bandeira formaram a Aliança Tríplice, que compreendeu a conveniência de não mais se deterem no interesse de levar a cabo a grandiosa obra de regeneração nacional, concordaram em avançar sempre, sem temer os obstáculos que infalivelmente apareceriam da parte do governo.

Foi esta "Aliança Tríplice " que, perseverando no mesmo objetivo em marcha — a conspiração, em 11 de novembro reuniu-se, à noite, na casa 131 da rua São Cristóvão, 2 ° andar e convocou os conspiradores para firmarem o célebre compromisso de sangue (Pacto de Sangue) entregue a Benjamin Constant. "

O alferes Joaquim Ignacio estava de Oficial de Dia ao 1º RC na noite de 14/15 novembro. No início da noite fora ele que colocara o regimento em forma e que falou aos praças dos motivos da formatura. Mandou chamar os oficiais. E cerca de uma hora da madrugada de 15, estando fora do quartel, dali se aproximou o então cap. Hermes Rodrigues da Fonseca (futuro presidente) que lhe transmitiu mensagem do marechal Deodoro, destinada ao major Sólton, no sentido de **que "o rompimento devia ser feito pela manhã, pois só a esta hora poderiam desembarcar as forças navais", que apoiariam o movimento.**

Em 24 jan. 1890, tenente, foi, como homem de confiança do Governo do presidente marechal Deodoro, comissionado major fiscal (subcomandante) do 2º Batalhão da Brigada Policial do Distrito Federal, que comandou de 12 abr. a 27 mai. 1890. Então, passou a fiscal (subcomandante) do Corpo de Cavalaria da Brigada Policial do Distrito Policial onde foi elogiado por sua atuação "**no controle à greve de carroceiros e cocheiros do Rio de Janeiro**" e por "**haver evitado incidentes entre as sociedades carnavalescas rivais**". E, mais, "**por haver restabelecido a ordem em conflitos ocorridos em 30 jan. 1892**".

Ao deixar a polícia, em 21 ago. 1892, depois de mais de 2 anos a ela servir como subcomandante e comandante de unidades de cavalaria e infantaria, foi elogiado "**por relevantes serviços prestados desde a Proclamação da República**".

Ainda tenente foi comissionado tenente coronel comandante do Corpo de Cavalaria da Polícia de São Paulo por 7 meses, de 11 out. 1892 a 25 abr. 1893, antes de eclodir a Guerra Civil 1893-95 que enlutou o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná .

Retornou como tenente ao Rio onde tomou parte no combate à Revolta na Armada na Guanabara e por tal participação contou em dobro, os seguintes serviços prestados no combate à mesma e à Guerra Civil no Sul.

•6 set. 1893 - 2 fev. 1894: a disposição do comando da Escola Militar da Praia Vermelha, guarnecendo as defesas de Botafogo e Copacabana contra 1/5 da armada revoltada.

•3 fev. -13 mar. 1894: como capitão ajudante de campo do ajudante General do Exército gen. Bibiano Sérgio Fontoura Costallat o encarregado do combate na baía da Guanabara da Revolta na Armada. Nesta função trabalhou duro na coordenação das medidas militares para combater a Revolta até a chegada da Esquadra Legal adquirida pelo mal. Floriano nos EUA, Inglaterra e Prússia e operada por oficiais e marinheiros fiéis, oficiais do Exército, alunos de nossas escolas militares e marinheiros estrangeiros contratados nos EUA. Foi aí que por várias vezes fez a ligação entre o presidente Floriano Peixoto no Itamarati

e o seu chefe e ajudante general do Exército executivo do combate à Revolta no Rio.

•24 fev. - 21 mar. 1895: em serviço no 6º RC de Santa Vitória do Palmar, (atual Regimento João Manuel de São Borja), destacado em Osório - RS (atual) no combate à Guerra Civil 1893-95, próximo de seu final no Rio Grande do Sul.

Em 1896 foi ajudante de ordens do presidente de Goiás, de onde retornou para o 1º RC (atual Dragões de Brasília) e casou em 23 dez. 1886, aos 26 anos, com d. Leonídia Fernandes Cardoso que conheceu ali em São Cristóvão, próximo do Quartel do Regimento. Moça que chamava muita atenção dos militares do Regimento **"junto com mais duas irmãs, por serem 3 morenas muito bonitas"**. Deste consórcio tiveram 16 filhos, que descontados 5 que não se criaram, acompanharam o casal pelo Brasil afora. Imagine-se hoje um oficial deslocar-se com tamanha prole?

Em 1888, ainda sem filhos vivos, fez sua derradeira tentativa de cursar a Escola Militar. Esteve destacado em 1889 no 2º RC (Regimento Osório atual) em Jaguarão e de lá foi mandado para o 8º RC em Curitiba.

Foi nesta missão, em Curitiba, que em 24 fev. 1889, nasceu-lhe seu filho Leônidas, o pai do presidente, seguramente concebido e gerado no Rio Grande do Sul.

Por ocasião das agitações que precederam a Proclamação da República, delas participou, a partir de 12 out. 1889, como secretário interino do então 9º RC (atual Regimento Andrade Neves) que fora transferido de Ouro Preto por incidente com a polícia e acantonou no Quartel do 1º RC em São Cristóvão.

E com seu regimento (o atual Andrade Neves) reduzido e a pé, e armado de espadas, clavinhas e revólver, protegeram a artilharia até o Campo de Santana, onde, em 15 nov. 1889, teve lugar a deposição do Gabinete Ouro Preto e a proclamação, de fato, da República. Junto ali estava seu irmão Augusto Ignacio como aluno da Escola Militar da Corte.

Joaquim Ignacio como conspirador pela República, havia sido um dos 42 integrantes do Exército e Armada que ingressaram no Clube Militar em 5 nov. 1889, além de ser um dos 160 signatários do **Pacto de Sangue** firmado nos dias 11 e 12 nov., **"de acompanharem Benjamin Constant até a resistência armada"**.

Em 16 nov. 1889, acompanhou o porto-alegrense major Sólon Ribeiro, pai de Ana de Assis, futura esposa de Euclides da Cunha, até a presença do imperador d. Pedro II, para entregar-lhe a carta depondo-o e indicando-lhe o exílio, em função da Proclamação da República no dia anterior. Junto foi também o ten. Sebastião Bandeira. Ao seu irmão, Augusto Ignacio, como aluno da Escola Militar no último ano, não foi oferecido o **Pacto de Sangue**.

Joaquim Ignacio era oficial do dia aos 1º e 9º RC na noite de 14/15 nov., onde teve atuação relevante fazendo por isso jus a promoção a tenente por serviços relevantes como se verá adiante.

Então, foi elogiado pelo ajudante general do Exército gen. Bibiano Costallat, em Ordem do Dia 600, de 1894 nos seguintes termos:

"Abnegação, acrisolado patriotismo e amor ao cumprimento do dever e agradecido pela leal, constante e eficaz coadjuvação que prestou como ajudante de campo do ajudante general de Exército, durante a Revolta na Armada."

Ao ajudante geral coube comandar o combate à Revolta de 1/5 da Armada na baía de Guanabara e Niterói. E ao seu ajudante de campo tenente Joaquim Ignacio,

obviamente, coube destacado papel na coordenação e transmissão de ordens entre o presidente, e o ajudante general do Exército e aos comandos subordinados.

O gen Bibiano nascera em Porto Alegre no final do ano em que o Duque de Caxias pacificou a Revolução Farroupilha e era o presidente da Província e seu comandante das armas. Bibiano foi aluno brilhante e muito aplicado em colégio local. Ingressou no Exército em 1883, aos 18 anos, combateu com bravura na Guerra do Paraguai onde ascendeu rápido por promoções por atos de bravura. Depois da guerra foi professor da Escola Militar da Praia Vermelha. Gozava no Exército excelente conceito de bravo e inteligente. Foi importante elemento em que se apoiou o marechal Floriano Peixoto para combater a Revolta de 1/5 da Armada na baía de Guanabara e Niterói. Foi ministro do Superior Tribunal Militar. Exercia a chefia do Estado-Maior do Exército ao falecer em 8 dez. 1904, aos 59 anos. Foi católico fervoroso cuja fé aumentava com o passar dos anos. Este foi o chefe que escolheu o ten. Joaquim Ignacio para seu ajudante de campo, em momento crucial e perigoso.

Em Porto Alegre

Liberado da função de ajudante de campo do ajudante general, comandou uma companhia do Colégio Militar do Rio de Janeiro. A seguir foi enviado para o 6º RC em Porto Alegre, ao final da Guerra Civil 1893-95, ou Revolução Federalista de 93.

Lá não adaptou-se ao frio. Muito doente, obteve licença para tratamento de saúde, uma constante em sua vida militar, ao ponto de adquirir mais tarde, em Mato Grosso, **"impaludismo e beribéri curáveis."**

Serviu no Paraná no 6º RC, em Palmas, Ponta Grossa e Curitiba, de 1896-25 jun. 1906, por cerca de 10 anos, com uma interrupção em Mato Grosso, tendo sido ajudante, subcomandante e comandante do 6º RC em operação de rescaldo e consolidação da vitória sobre a Guerra Civil 1893-95 que enlutou aquele estado. Serviu no 5º Distrito Militar (atual 5ª RM / 5a DE - Heróis da Lapa). Em Curitiba foi condecorado com a medalha de ouro por mais de 30 anos de bons serviços e promovido a major e elogiado **"como comandante de brio do Exército, pela lealdade à República, patriotismo e amor à disciplina"**. Foi-lhe autorizado usar a espada que lhe fora doada pelo Aviso 1920 de 2 fev. 1906, a qual lhe fora oferecida em Curitiba, em 29 jul. 1905, no 10º aniversário de morte do mal. Floriano Peixoto, na fazenda Paraíso, em Floriano atual, próximo de Resende, em Barra Mansa. Durante sua permanência em Curitiba ocorreu a Guerra de Canudos no sertão baiano.

Em Mato Grosso

1898 - Apresentou-se ao RC, em Miranda - MT (fronteira do Baixo Paraguai) sendo subcomandante e logo a seguir comandante, de 21 mar. 1898 - 3 jan. 1900, no combate de revolta ocorrida no Sul de Mato Grosso. Ali foi atacado **"de impaludismo e beribéri curáveis."**

Foi assim elogiado em 3 jan. 1900: **"Lhe estendo os aplausos pelo modo brilhante, correto e de verdadeiro soldado com que se houve naquele cargo de fiscal (subcomandante), durante a revolta do sul de Mato Grosso."**

Em Jaguarão - RS

Como major foi enviado a Jaguarão - RS para comandar o 2º RC (atual Regimento Osório) e à Fronteira de Jaguarão onde permaneceu algum tempo. Retornou para servir no 1º RC (atual Dragões da Independência de Brasília).

No Rio de Janeiro novamente

No Rio assumiu o subcomando da 1ª RC e com ele participou das manobras no Curato de Santa Cruz, de 12 ago. - 15 set. 1907, idealizadas pelo general Hermes Ernesto da Fonseca, com o distrito a seu comando (a atual 1ª RM -Marechal Hermes). Tenente coronel em 5 ago. 1908, passou a comandar o 1º RC e a seguir, ainda no Rio, o 13º RC, com o qual participou das manobras de Santa Cruz, em 1910.

Em 1911 foi louvado por sua atuação no combate à Revolta dos Marinheiros ou da Chibata em 1910, liderada pelo marinheiro Manuel Cândido, de Encruzilhada do Sul - RS.

Em 10 jan. 1912 é coronel por merecimento. Passou a comandar mais uma vez o seu 1º Regimento de Cavalaria (o atual 1º RC Dragões de Independência) que hoje guarnece o seu neto, presidente Fernando Henrique Cardoso. Unidade cuja história foi pioneiramente publicada por nós em artigo no **Correio Brasiliense**, Brasília, 21 abr. 1972, sob o título "**Uma testemunha dos grandes momentos de nossa História**". Depois foi publicado com nossa assessoria reconhecida pelo autor Cap. Alcides Thomaz Aquino Filho o livro **Dragões da Independência**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1972 (Coleção Sesquicentenário da Independência) onde figura o ex-comandante coronel Joaquim Ignacio Cardoso como ex-comandante entre outros ilustres assinalados soldados desde 1809.

Ali elogiado por haver introduzido e instituído no regimento o esporte "**Caça à raposa, a cavalo**". Foi no 1º RC que foi promovido a general de brigada, em 2 jun. 1914, aos 54 anos.

Em Base - RS

De 2 out. a 13 dez. 1915 comandou a 3ª Brigada de Cavalaria em Bagé, a atual 3ª Bda. C. Mec - Mal. Patrício Correia Câmara. Era a época do combate à Revolta do Condestado, em Santa Catarina e Paraná.

Em Recife - PE

De 29 abr. 1916 - 12 nov. 1919, durante a 1ª Guerra Mundial, por mais de 3 anos e meio comandou a Região Militar, em Recife - PE, tendo se esforçado ali para estimular a formação de reservistas com apoio na Lei do Serviço Militar Obrigatório, inaugurado, em 1916, com o 1º sorteio militar realizado no atual QG do Exército e palácio Duque de Caxias, durante a 1ª Guerra Mundial, em cerimônia presidida pelo presidente Wenceslau Braz.

Em Belém -PA

De 7 jan. 1920 a 1º mar. 1921, por um ano, comandou a atual 8ª RM em Belém do Pará, que abrangia parte da atual 10ª RM em Fortaleza.

Em Mato Grosso - Revolução de 1922

De 13 ago. 1921 a 30 mar. 1922, comandou a 1ª Circunscrição de Mato Grosso e atual 9ª RM/9ª DE. Ali foi acusado de envolver-se na conspiração tenentista, anti-oligárquica, de que resultaria a Revolução de 1922 no Forte de Copacabana, na Escola Militar no Realengo e no Mato Grosso. Neste liderada por seu substituto e em 5 jul., o general Clodoaldo da Fonseca. Movimento que ali fracassou por completo e pôs fim à brilhante carreira do general Clodoaldo, grande figura da Reforma de 1808. Foi ele que na

Europa adquiriu canhões Krupp, metralhadoras Madsen e fuzis Mauser, com respectivas fábricas de munições que por muitos anos supriram nosso Exército. Era primo do marechal Hermes.

Em consequência, o general Ignacio Joaquim foi preso no Rio de Janeiro a bordo da **Scout Ceará**, de 19 ago. a 2 dez., por mais de 100 dias, atendendo a ordem do ministro da Guerra Pandiá Calógeras e do presidente Arthur Bernardes, em razão das ocorrências de Mato Grosso.

Colocado em liberdade por não ter sido denunciado pelo adjunto do promotor da 6ª Circunscrição Judiciária Militar, como o responsável pelos acontecimentos em 5 jul. 1922 (Revolta de 1922, episódio dos 18 do Forte). A repressão foi violentíssima, muitos oficiais foram presos na ilha Grande. Em 8 jan. 1923 foi novamente preso por ordem do governo, do presidente Arthur Bernardes, na 1ª RM, onde ficou até 5 mai. 1923, quando foi reformado com apoio no Art. 51 do Dec. Legislativo 4.555 de 10 ago. 1922, revigorado pelo Art. 54 da Lei 4.632 de 6 jan. 1923, visto contar com mais de 40 anos de serviços (em realidade cerca de 48 anos). Foi reformado aos 63 anos depois de relevantes serviços prestados ao Brasil do que é eloqüente testemunha sua fé de ofício aqui interpretada e sintetizada. Sobreviveu pouco mais de um ano ao rude golpe e humilhante e, ao que parece, injusta prisão. Faleceu em jun. 1924 no Rio de Janeiro aos 64 anos. Foi promovido a marechal post mortem.

O seu filho sen, brigada (na Reserva) Leônidas Cardoso

Nasceu em Curitiba em 24 fev. 1889, indo para o Rio para onde seu pai, alferes de cavalaria, iria participar, com destaque, da propaganda, proclamação e consolidação da República, conforme demonstramos.

De retorno ao Paraná, em jun. 1905, aos 16 anos, ingressou na primeira turma da novel Escola de Guerra de Porto Alegre (1906-11), de onde saiu aspirante a oficial de intendência na 1ª turma com este título, sendo ali contemporâneo, entre outros, dos mais tarde mal. Eurico Gaspar Dutra e gen. Pedro Aurélio Góes Monteiro a cujos gabinetes, como ministros da Guerra ele integraria como intendente.

Em Porto Alegre, no Casarão da Várzea, participou da inflexão do bacharelismo militar equivocado, do ensino no Exército de 1874-1904, para o profissionalismo militar que até hoje sustenta, em decorrência do **Regulamento de Ensino do Exército de 1905**. Este, imposto por veteranos e filhos de veteranos heróis do Exército na Guerra do Paraguai e outros profissionais das Armas ou tarimbeiros, como o seu pai, então capitão de cavalaria em Curitiba.

Trabalhou no serviço de intendência em função denominada contador. Serviu, ao que consta, no Rio, no 1º RC, atual Dragões da Independência de Brasília, hoje encarregado da guarda do seu filho presidente.

Em 1910 foi promovido a 2º ten. e em 1914 deu início a atividade literária em jornais, escrevendo inclusive sobre história, em jornais e revistas de curta duração.

E foi num crescendo até colaborar com os importantes jornais **Correio da Manhã, O País, Gazeta de Notícias, O Globo, A Noite, O Imparcial** e o **Jornal do Brasil**.

Em nossas revistas militares contribuiu com o número inaugural de **Nação Armada**, em 1939, sob a direção do gen. Affonso de Carvalho, biógrafo de Caxias e de Rio Branco e, com extenso artigo de 13 páginas, intitulado "**Jubileu da República - História do 15 de novembro**", seguramente, tendo em mente reverenciar a atuação assinalada de seu

pai e seus companheiros no episódio, e aqui demonstrada, o que consegue fazer com provas irrefutáveis.

Tendo muito escrito sobre a Proclamação da República em seu Centenário, conforme consta da bibliografia, o artigo do major Leónidas é o que melhor radiografou e monitorou passo a passo o núcleo e motor da conspiração militar chamado Aliança Tríplice, ao qual se juntaria, em 30 de outubro, o porto-alegrense, major de cavalaria Frederico Sólton Sampaio Ribeiro que passou a dirigir os trabalhos conspiratórios e, em fase em que havia a convicção, por diversos indícios da existência de plano secreto do governo para dissolver o Exército para garantir o 3º Reinado. Plano traduzido pela arregimentação da Guarda Nacional, criação da Guarda Cívica, aumento das polícias militares da Corte e Rio de Janeiro, todas armadas e instruídas às pressas, com fuzis Comblain de retro carga, ficando o Exército com as Minié de carregar pela boca etc. Quando o major Leónidas perdeu o pai contava cerca de 36 anos tendo naturalmente ouvido muito do pai e amigos detalhes da conspiração militar que resultou o 15 de novembro. Assim seu artigo é de muito valor histórico e fonte básica da história do 15 de Novembro.

Como 2º ten. tentou medicina e interrompeu o curso em 1917, formado em farmácia. Foi promovido a 1º ten. em Jaguarão - RS, em set. 1919, servindo no RC local e atual Regimento Osório de Porto Alegre, onde seu pai também havia servido. É possível que tenha sido concebido em 1888, em Jaguarão. De retorno ao Rio, tentou direito, 1919-22, tendo que interromper o curso por sua participação na Revolução de 1922, junto com seu pai, conforme abordamos.

Foi preso no quartel do atual 1º Batalhão da Polícia do Exército, na Tijuca, enquanto seu pai, gen. bda. da ativa, amargava sua dura prisão a bordo do **Scout Ceará**, fundeado na baía de Guanabara.

Do Rio foi enviado para a fortaleza de Óbidos - PA. E depois foi mandado servir em Belém - PA, onde conheceu a amazonense, filha de alagoanos, d. Naide Silva, com a qual se casaria em 1928, aos 39 anos e, ainda 1º ten., depois de servir no Hospital de Itatiaia e atual CRI, em 1926-27. Declarando-se favorável à Revolução de 5 jul. 1924, foi enviado para São Luís do Maranhão, para ali servir no atual Batalhão de Caçadores local e pouco dias depois da morte de seu pai.

E acompanhou com entusiasmo a grande Coluna Miguel Costa, a qual juntou-se à Coluna Prestes, vinda do Sul para realizarem a Grande Marcha depois deste, então tenente, revoltar parte do atual 1º Batalhão Ferroviário de Lajes - SC, então sediado em Santo Ângelo. Assumiu o comando do batalhão, que não aderiu à revolta, o então ten. José Machado Lopes, mais tarde comandante, como coronel, do 9º Batalhão de Engenharia de Combate da FEB. Coluna Miguel Costa/Prestes que escreveu páginas épicas através do Brasil, até internar-se na Bolívia em 1927.

Ao retornar do Maranhão, depois de breve passagem pela unidade de Artilharia de Itú - SP, foi mandado servir no então Depósito de Convalescentes de Campo Belo, atual Centro de Recuperação do Exército, onde contatou com o então ten. Odylio Denys, que ali fora mandado convalescer, depois de longa e sofrida prisão na ilha Grande, junto com o ten. Edmundo Macedo Soares. Este, dali conseguiu fugir e ir para a Europa, onde adquiriu os conhecimentos que aplicou na construção da Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda, "a mãe da industrialização do Brasil" e na fabricação de granadas de artilharia na Fábrica do Andaraí.

Ao ser desligado, em Resende, do Depósito de Convalescentes de Campo Belo (nome primitivo da cidade de Itatiaia-RJ) o Boletim Interno 147 de 13 jun. 1927 registrou:

"Desligamento de Oficiais. Por haver entregue a carga do almoxarife e ter de seguir para a Capital Federal a fim de recolher-se ao seu estabelecimento (Colégio Militar do Rio de Janeiro), desligo nesta data o sr. 1º ten. intendente Leônidas Cardoso.

Ao desligar este oficial é com júbilo que o louvo e o elogio pelos bons serviços prestados a este Depósito de Convalescentes, onde sempre demonstrou capacidade de trabalho, inteligência, boa vontade e solicitude no cumprimento do dever, qualidades estas aliadas a um bom espírito de camaradagem e ótima educação civil e militar. Ass. major dr Boaventura de Almeida Dias, diretor. "

O ten. Leônidas havia chegado a Itatiaia, vindo do 4º Grupo de Artilharia a Cavalos de Itú e seguia para o Colégio Militar do Rio de Janeiro. Por diversas vezes teve como missão viajar até ao Rio junto à Diretoria de Contabilidade Geral do Exército, para receber e efetuar o pagamento dos vencimentos dos oficiais, praças e civis do Depósito de Convalescentes, em local, hoje, sede do Executivo de Itatiaia, com o nome de Campo Belo, recém-cedido pelo Exército.

Promovido a capitão em 1928, aos 39 anos, casou com d. Neyde Silva. A carreira na intendência era lenta em promoções, até pelo menos ao que lembro, a década de 50.

Participou da Revolução de 1930 que derrubou oligarquias estaduais que se haviam consolidado depois do governo do marechal Floriano Peixoto. Oligarquias que perseguiram militares e entre os quais o seu pai, grande vítima da repressão de Arthur Bernardes em 1922 e 24.

Em 1931, o capitão Leônidas formou-se em direito. Nasceu, no Rio de Janeiro em 18 jun. 1931 onde servia, na casa 24, Rua 19 de Fevereiro no Botafogo, o seu filho primogênito Fernando Henrique Cardoso, atual presidente da República e comandante Supremo das Forças Armadas. Casa de propriedade de sua avó e residência paterna onde viveu dois anos com sua vó Linda, viúva do marechal Joaquim Inácio, ali, com memória exemplarmente cultuada pela sua viúva.

No ano seguinte colocou-se ao lado da Revolução de 32, que foi combatida no seu mais alto nível por seu tio, general de brigada Augusto Ignacio do Espírito Santo Cardoso, mais moço de que seu falecido pai.

E aí talvez resida a origem das posições políticas diversas dos descendentes de seu avô e dos descendentes de seu tio, aos quais estariam reservadas importantes funções na presidência de Getúlio Vargas de 1951-54. Este, por longo tempo um ídolo na família Cardoso.

Major, em 1934, foi convidado pelo seu antigo colega da Escola de Guerra de Porto Alegre, o ministro da guerra general Pedro Aurélio de Góes Monteiro para servir em seu gabinete como intendente.

A esta altura apresentava elevado índice de politização. Segundo seu filho Fernando, o pai **"revelava-se nacionalista e defensor intransigente do que julgava ser os interesses do Brasil e de seu povo. Alegre, bem humorado, revelava grande facilidade em comunicar-se com os mais simples. Negociador, ouvia muito e possuía grande poder de argumentação e de persuasão. Era um consumado contador, e bem sucedido, de histórias."**

Estas características, segundo os que o conheceram, teriam muito influenciado na formação do filho, ao lado de sua avó materna, de quem Fernando Henrique era o predileto e ao qual transmitiu um respeito reverencial pelo seu avô, o marechal José Ignacio, que, morto, a sua presença espiritual e lições cívicas permaneciam vivas na casa de sua avó, como um herói da propaganda, proclamação e consolidação da República.

Circunstância consagrada em monumento ao marechal Joaquim Ignacio e outros no Rio (praça Barra da Tijuca) e, figurar ele ao lado do major Sólton Ribeiro, pai de Ana de Assis, esposa de Euclides da Cunha, em conhecida alegoria em que Sólton entregava ao imperador, em 16 nov. 1889, a intimação para deixar o Governo e exilar-se.

Por ocasião da Intentona Comunista no Rio de Janeiro, o major Leônidas gozava férias em Icaraí com a família. Em 1938 foi contra ação Integralista frustrada de atacar o palácio do Catete de Getúlio Vargas.

Em 1939 foi convidado pelo ministro gen. Eurico Gaspar Dutra, seu colega na Escola de Guerra de Porto Alegre, para integrar o seu gabinete durante a 2ª Guerra Mundial.

Talvez por influência de Dutra, do gen. Góes Monteiro e do cel. Affonso de Carvalho, diretor da **Nação Armada**, inclinou-se inicialmente por uma aliança com a Alemanha. As circunstâncias posteriores o fazem recuar junto com o grupo favorável à Alemanha e para posição pró EUA/Inglaterra.

Contou-me o cel. Elber de Mello Henriques, que assistiu o cel. Affonso de Carvalho, no alto de um morro no Forte Duque de Caxias (atual CEP) dizer-lhe no início da guerra sonhar **"um dia com a Esquadra Alemã fundeada na Guanabara"**.

Em 1940, o major Leônidas foi servir no QG da 2ª Região Militar no centro de São Paulo e residiu próximo ao parque Água Branca, onde seu filho Fernando Henrique tomou o primeiro contato com São Paulo.

De retorno ao Rio, o major Leônidas foi encarregado, acreditamos, no atual Forte Duque de Caxias, de, usando binóculos, anotar os navios que deixavam o Rio rumo ao Nordeste. Tarefa em que vez por outra seria acompanhado e ajudado pelo menino de cerca de 10 anos, Fernando Henrique Cardoso.

Promovido a tenente-coronel, em dez. 1942, continuou a servir em definitivo em São Paulo, desde jan. 1940, sob a égide de Estado Novo. Foi promovido a coronel em 29 out. 1945, passando à inatividade como general de brigada por questões de saúde, quando dedicou-se à advocacia. Engajou-se em movimentos nacionalistas durante o governo Dutra, sendo um dos fundadores, em 1948, do **Centro de Estudos de Defesa do Petróleo e da Economia Nacional (CEDPEN)**, onde atuou até a criação da Petrobras. Tendo essa iniciativa inspirado o presidente Fernando Henrique a fundar e presidir em 1965 o **CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento)**. Em 3 out. 1954 foi eleito deputado federal pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), que havia sido fundado por Getúlio Vargas, menos de 2 meses antes. Encerrou seu mandato em 1959.

Em 31 de março de 1964, segundo o professor Fernando Henrique Cardoso, **"o seu pai, general Leônidas, morando em Copacabana, manifestou-se contra o Movimento de 64, como ex-deputado do PTB e favorável às reformas propostas por Jango Goulart. O então prof. Fernando Henrique Cardoso, segundo o próprio, "auto exilou-se no Chile por nada ter a ver com política, e ser um professor universitário, com preocupações puramente acadêmicas e, para no exílio poder ensinar mais livremente e não suportar ficar num país que iria limitar e cercear sua liberdade de expressão!"**

O gen. Leônidas Cardoso faleceu em São Paulo, em agosto de 1965, com quase 76 anos, quando seu filho Fernando Henrique, com 34 anos, encontrava-se no Chile.

O sen. Augusto Ignacio e os filhos, sen. Ciro e cel. Dulcídio

A carreira do general Augusto Ignacio pode assim ser sintetizada: praça em 1884, no Curso de Cavalaria da Escola Militar da Corte na Praia Vermelha. Alferes em 1890,

depois de haver participado da deposição do Gabinete Ouro Preto e proclamação, de fato, da República, em 15 nov. 1889, junto com outros companheiros da Escola Militar. Evento do qual participou seu irmão Joaquim Ignacio, como alferes do 9º RC (atual Andrade Neves).

Integrou, de 1893-95, tropa legal que participou do combate à Guerra Civil 1893-95 no Rio Grande do Sul, ou Revolução de 93, que atingiu os estados do Paraná e Santa Catarina, em combinação com a Revolta na Armada. No curso desta guerra civil, foi promovido a tenente em 1894, e seu irmão a capitão, posto este que alcançou em 1906. Em 1898, como tenente, encontrava-se destacado na Lapa - PR, local da épica resistência, 4 anos antes, do coronel Ernesto Gomes Carneiro ao sítio federalista, liderado por Gumersindo Saraiva, apoiado por marinheiros revoltosos na Armada. Ali nasceu seu filho Ciro, futuro ministro da guerra em 1952-54 e notável comandante da AMAN, em duas ocasiões (O general cadete).

Major em 1912, 17 anos mais tarde que o irmão. Tenente-coronel em 1917, 9 anos após seu irmão. Coronel em 1919, 7 anos depois do irmão. Foi preterido para a promoção a general de brigada em razão da Revolução de 1922, quando comandava o 4º RC em Três Corações, local da atual ESA, e quando seu irmão esteve preso no Rio por acusado de envolvimento na mesma em Mato Grosso, como comandante daquela área. Serviu em várias unidades de cavalaria no Rio Grande do Sul e Paraná e no 1º RC (atual Dragões da Independência) no Rio de Janeiro.

Reformou-se em 1923, a pedido, e seu irmão Joaquim Ignacio foi reformado por acusado de revolucionário de 1922.

Fixou-se em Três Corações, como industrial de cerâmica, onde participou das conspirações que resultaram na Revolução de 30, tendo acolhido em sua casa o tenente Djalma (Soares) Dutra, ex-integrante da **Coluna Miguel Costa/Prestes**, e que seria morto em 1930, a bala, em Três Corações, "**acidentalmente**", em condições até hoje não suficientemente esclarecidas, no que se empenha elucidar uma jornalista local, Ilze Joana Ribeiro, como provável assassinato político.

Em 1932, a oficialidade tenentista, vitoriosa em 1930, sugeriu ao presidente Getúlio Vargas, o nome do general Augusto Ignacio para ser o ministro da guerra, o qual foi surpreendido no Rio com a escolha.

Assumiu o Ministério da Guerra em 28 jun. 1932, como general de brigada reformado e na oportunidade em que lideranças civis e militares preparavam a Revolução de 1932 em São Paulo. Revolução que eclodiria 12 dias depois e cujo combate, em amplitude nacional, coube-lhe liderar no mais alto nível.

Sua posse como ministro da guerra provocou um ofício violento do general Bertoldo Klinger, de protesto por sua nomeação como ministro, alegando entre outras coisas: "**Não infundir confiança dos pontos de vista de aptidão física e sob o aspecto moral... ou de que já não era um militar, pois que de militar apenas tinha lembranças da pensão militar**". Alegou também que "**ele não possuía o Curso de Estado-Maior**".

Recebido seu ofício em 6 de julho, às vésperas de eclodir a Revolução de 32, o gen. Augusto Ignacio telegrafou a Klinger comunicando sua destituição do comando da área de Mato Grosso e a sua reforma administrativa. O general Bertoldo Klinger foi escolhido para comandar as tropas revolucionárias paulistas e o general Augusto Ignacio ocupou-se em organizar, no mais alto nível, o combate aos revolucionários de 1932 em todo o Brasil.

Afastou de seu gabinete tenentes radicais. Criou o **Correio Aéreo Nacional (CAN)** e a **Escola de Educação Física**. Organizou o **Conselho de Segurança Nacional**. Instituiu a Comissão Técnica e consolidou as Escolas de Armas. Regulamentou as **Formações**

Sanitárias, Divisionárias, o Serviço Telegráfico em Campanha, o Serviço Geográfico do Exército e a Escola de Aviação do Exército, etc.

Fez uma administração profícua, conforme o registrou o general Francisco de Paula e Azevedo Ponde em **História Administrativa do Exército - República**.

Reverteu ao serviço ativo do Exército em abril de 1933, como general de brigada. Em 11 dez. 1933, dia da instalação da **Assembléia Nacional Constituinte**, pediu demissão do cargo de ministro da Guerra.

Fixou residência no Rio e foi reformado pela 2ª vez, em 1º de julho de 1938, como general de divisão, com 44 anos de serviços, pois estivera fora 10 anos. Faleceu no Rio em 23 de setembro de 1947, aos 63 anos.

Casado com Ana Fernandes Cardoso, irmã de sua cunhada Leonídia, esposa de seu irmão Joaquim Ignacio. Dois de seus filhos foram generais: gen. Ciro do Espírito Santos Cardoso, duas vezes nome de turma na AMAN e considerado o general cadete nascido em 1898, na Lapa - PR, e foi chefe da Casa Militar (1951-52) e ministro da Guerra de Getúlio Vargas (1952-54).

Era seu irmão o gen. Dulcídio do Espírito Santo Cardoso, professor do Colégio Militar do Rio de Janeiro, que foi secretário de Segurança de São Paulo, em 1937, como major, e prefeito do Rio de Janeiro em 1952-54, quando casou com a cantora portuguesa Ester de Abreu.

General Ciro do Espírito Santo

Nasceu na Lapa - PR em 24 ago. 1898. Ingressou na Escola Militar de Realengo em 1915, sendo declarado aspirante a oficial de infantaria em 1918. 2º ten. em 1919, tendo servido nos 7º RI (atual 7º BI Mtz - Batalhão Gomes Carreiro) em Santa Maria, e no 54º BC em São Gonçalo - RS. 1º ten. em 1921.

Instrutor de infantaria da Escola Militar do Realengo em 1922, participou com destaque da Revolução que ali teve lugar. Em conseqüência foi preso por um ano e quatro meses. Seu pai pediu transferência para a Reserva e seu tio Joaquim Ginásio foi preso no **Scout Ceará** e reformado, e faleceu em 1924. Seu primo 1º ten. Leônidas Cardoso foi preso no quartel do atual 1º BPE - Marechal Zenobio da Costa e a seguir enviado para a fortaleza de Óbidos no Pará. Os militares de sua família pagaram alto preço então. Sua carreira foi paralisada. Com a vitória da Revolução de 30, foi promovido a capitão em 15 nov. 1930.

Seu pai, em jun. 1932 foi resgatado da reforma e nomeado como general reformado, ministro da Guerra de Getúlio Vargas, e ele a ajudante-de-ordens do pai, depois de servir no 11º RI em São João dei Rei, cidade onde passaria os últimos dias de sua vida, trabalhando por ela, que em reconhecimento o reverenciaria com monumento.

Major em 1934, na EsAO. Retornou ao 11º RI em 1935 e, de 1935 a 36, cursou a ECEME e obteve 2º lugar ao final do curso. Instrutor de infantaria no Realengo em 1937. Oficial do EM/2ª RM em São Paulo, onde cooperou com seu irmão, major Dulcídio, então secretário de Segurança Pública de São Paulo. Oficial do EME em 1938. Chefe do EM/7ª RM, no Recife, 1939-40. Ten.-cel. em 1940 e comandante do Batalhão de Guardas (atual BGP Batalhão da Guarda Presidencial de Brasília, o responsável também pela segurança de seu primo presidente).

Coronel em 1942, chefiou o Gabinete do Conselho de Segurança Nacional de jul. 1943-46, órgão que fora organizado por seu pai.

General de brigada em 1946. Serviu no EME, comandou Núcleo das Unidades Escolas. De 1947 a 48, subcomandante da 3ª DI - Santa Maria, (atual 3ª DE - Divisão

Couraçada). Comando da Escola Militar de Resende em 1948-50 (atual AMAN) onde tornou-se líder dos cadetes que o consagraram com o título de general cadete e o elegeram duas vezes como nome de turmas dela egressas, em 1948 e 1950.

Quando ingressamos na AMAN, em 1953, ele transpôs conosco, simbolicamente, o portão destinado à entrada de novos cadetes e na qualidade de general cadete.

Da AMAN foi comandar a 7ª RM em Fortaleza, pronunciando-se a favor da posse de Getúlio Vargas, contestada pela imprensa e políticos, o que lhe valeu convite para presidir a Casa Militar do presidente Getúlio Vargas, de 31 jan. 1951 a 10 abr. 1952, cumulativamente com a Secretaria do CSN e Comissão Especial da Faixa de Fronteira.

Em 26 mar. 1952, exatamente 30 anos passados, substituía o pai na função de ministro da Guerra do presidente Getúlio Vargas e em substituição ao general Newton Estillac Leal (seu primo longínquo). E passou a um combate efetivo do comunismo no Brasil.

General de divisão em ago. 1952. De set. a nov. 1952 foi ministro da Marinha, interino.

Em 8 fev. 1954, 82 coronéis divulgaram o **Manifesto dos Coronéis** que traduzia: **"Inconformismo de ser a dotação orçamentária do Exército menor do que a das outras FFAA; aumento de 100% do salário mínimo, aberração que subvertia valores profissionais; apelo ao reaparelhamento do Exército e, apontando a ameaça dos quadros institucionais pelo comunismo.**

Este manifesto lhe custou o cargo em 23 fev. 1954, sendo substituído pelo general Euclides Zenobio da Costa, ministro da Guerra até o suicídio do presidente Getúlio Vargas, em 24 ago. 1954.

A seguir foi diretor de ensino no Exército, no resto de 1954. Comandou a 4ª RM/4ª DI, em Juiz de Fora, de jan. 1955 a fev. 1956. Diretor geral do Serviço Militar em mar. 1956, quando ordenou a prisão do cel. Neno Canabarro Lucas, líder da Frente de Novembro em favor do general Henrique Lott.

Dez. 1956 a mar. 1957, foi diretor do Material Bélico. Entre mar. e mai. 1957 estagiou na Escola Superior de Guerra. Comandou o IV Exército (atual CMNE) de jun. 1957 a mar. 1959. Gen. de Exército em ago. 1958, assumiu a Diretoria Geral do Pessoal de abr. a 17 jul., quando passou à Reserva como marechal.

Retirou-se para São João dei Rey, onde passou a dirigir a faculdade local, à frente da qual deparamos, em 1982, quando comandamos o 4º BE Cmb. e a caminho de Juiz de Fora, seu monumento.

E ali, a gratidão de um sobrinho - político nosso, por casado com uma sobrinha, e uruguaio da família de Gumersindo Saraiva, que cercara a Lapa, local onde o marechal Ciro nasceria 4 anos mais tarde.

Gratidão pela maneira paternal com que o marechal Ciro o recebera e resolvera seu problema, à primeira vista insolúvel.

O marechal Ciro faleceu em Belo Horizonte, em 31 ago. 1979, aos 81 anos. No início dos anos 50, um filho seu de nome Augusto, homenagem do ilustre avô, foi cadete da AMAN e formou-se oficial sem completar a carreira, morrendo de grave doença.

Foi um trotista famoso, que segundo consta no folclore acadêmico, deu origem ao trote **Augustometro**. Este consistia em o futuro cadete e chamado bicho, colocar o dedo indicador no solo e girar rapidamente em torno dele. Segundo outros depoimentos, o tratamento de **Augustíssimo** dispensado pelos bichos aos cadetes veteranos teria sido derivado do nome do célebre trotista. Outro filho de general Ciro foi o seu homônimo que cursou as escolas preparatórias de cadetes de Fortaleza e São Paulo, onde deixou uma

boa imagem entre seus colegas e depois seguiu a carreira diplomática, onde se aposentou.

E assim concluímos este ensaio, que servirá ao leitor e pesquisador interessado para aprofundar e fazer interpretações e correlações.

FONTES CONSULTADAS

- ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO (Fé de Ofício do Mal. Joaquim Ignacio Cardoso).
ARQUIVO DO CENTRO DE RECUPERAÇÃO DE ITATIAIA Alterações do ten. Leônidas Cardoso em 1926-27).
- BENTO, Cláudio Moreira. *O Exército na proclamação da República*. Rio de Janeiro: SENAI, 1989.
- _____. *A Guarnição militar do Rio de Janeiro na Proclamação da República*. Rio de Janeiro: FHE-POUPEX, 1989. (Álbum ilustrado).
- _____. A 3ª RM na Guerra Civil 1893-95 em: *História da 3ª RM*. Porto Alegre: 3ª RM, 1995. p.75-143.
- _____. Controvérsias sobre a Proclamação da República. *Revista do Exército*, v.127, jul/ago 1990.
- _____. O centenário da Revolta na Armada. *A Defesa Nacional*. n° 762, out./dez. 1993.
- _____. Deodoro, destino de um soldado. *Revista do Brasil*, 1989. (Comemorativa do centenário da República).
- _____. Os 70 anos do 1º Sorteio Militar. *A Defesa Nacional*. n° 729, jan./fev. 1987.
- _____. Mal. Floriano Peixoto, centenário de morte. *A Defesa Nacional*, n° 288, 1987.
- _____. A intervenção estrangeira na Revolta na Armada. *RIHGB*, n° 379, abr./jun. 1992.
- _____. *1994 - Jubileu de ouro da AMAN em Resende*. V. Redonda: Gazetilha, 1994.
- _____. CARDOSO Leônidas. Jubileu de Ouro da República. *Nação Armada*. n° 1, 1939.
- _____. CIOCCARI, Vanice. Pesquisadora confirma raízes negras de FHC. *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 maio 1999.
- _____. CLUBE MILITAR. Revista n° 288, 100 anos do Clube, 1987. Rio de Janeiro, 1987.
- _____. FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. CP-DOC. *Dicionário Histórico e Bibliográfico Brasileiro 1930-1983*. Rio de Janeiro: Forense, 1984. 4v. (Coordenado por Israel Beloch e Alzira Alves de Abreu).
- _____. LEONI, Brigitte H. *Fernando Henrique Cardoso - O Brasil do Possível*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- _____. PONDE, Francisco de Paula e A. P. *Organização e Administração do Exército - República*. Rio de Janeiro: BIBLEx, 1994. (V. 37).
- _____. SILVEIRA, Urias da. *Galeria Histórica da Revolução Brasileira de 15 de Novembro 1889*. Rio de Janeiro: Tip. Laemmert, 1890.